

RESUMO

Este artigo propõe refletir sobre o Expressionismo Alemão levando-se em conta o seu contexto histórico, bem como as características cinematográficas herdadas da literatura e pintura, em oposição ao impressionismo francês. Por conseguinte, analisam-se dois curtas-metragens em animação, em homenagem ao Expressionismo Alemão, premiados e produzidos no Brasil, nos anos 2000. O estudo alerta para a produção de estilemas, em contraposição ao estilo, resultante da filosofia da arte expressionista.

Palavras-chave: *Expressionismo Alemão, cinema, animação.*

ABSTRACT

This article aims to reflect upon the German Expressionism taking into account its historical context as well as the cinematic features inherited from the literature and painting, as opposed to French impressionism. Therefore, it examines two short films in animation, in homage to German Expressionism, winners and produced in Brazil in 2000. The study draws attention to the production of evidencing, in contrast to the style, resulting from the philosophy of art (notably Expressionism).

Keywords: *German Expressionism, cinema, animation*

Ana Cláudia de Freitas Resende

Jornalista, graduada pela PUC-Minas, em 1994;
especialização em Cinema pela PUC-Minas, em 2001;
Mestre em Artes pelo PPGA-UFMG, em 2005;
doutoranda em Artes pelo PPGA-UFMG.

Expressionismo Alemão no cinema atual: contexto histórico, artístico e influências

Introdução

“ O expressionismo não vê, tem visões”.
Lotte Eisner

Para melhor entender o fenômeno do expressionismo alemão no cinema, convém estudar o contexto histórico da época que culminou nessa manifestação artística, caracterizada por sombras com vida própria, contraste entre claro e escuro, maquiagem carregada, imagens distorcidas, exagero de interpretações, personagens alucinados, filmagens em estúdio, relação indefinida de presente/passado/futuro e de mundo real/imaginário, pessimismo, temática que aborda a morbidez, a morte, a agonia, em que o exterior é reflexo do mundo interior.

O expressionismo é a arte do instinto, da expressão de emoções. A intenção do artista é de recriar o mundo e não apenas a de absorvê-lo da mesma forma que é visto. As obras de arte expressionistas revelam o estado psicológico e o reflexo de uma sociedade que se considerava doente e carente de um mundo melhor.

É inegável que o Expressionismo foi uma reação ao Impressionismo, já que esse movimento se preocupou apenas com as sensações de luz e cor, não se importando com os sentimentos humanos e com a problemática da sociedade moderna. Ao contrário, o Expressionismo procurou expressar as emoções humanas e interpretar as angústias que caracterizaram psicologicamente o homem do início do século XX. (SANTOS, 2000, p. 152)

O marco do expressionismo ocorreu em Dresden, na Alemanha, entre 1904 e 1905. A sua primeira manifestação foi no terreno da pintura. Posteriormente, a arte expressionista alcançou outros campos, tais como: literatura, teatro, arquitetura, artes plásticas, música, cinema, dança e fotografia.

Figura 1: *A noite estrelada*

Figura 2: *O quarto de*

Van Gogh em Arles



O expressionismo na pintura

O expressionismo originou-se na pintura, por volta de 1910. Tratava-se de uma arte dramática, subjetiva, que utilizava cores vibrantes, dando forma plástica ao amor, ciúme, solidão, medo, prostituição e à miséria humana. Deforma-se a figura, para ressaltar o sentimento.

As principais características da pintura expressionista são: pesquisa no domínio psicológico; cores resplandecentes, vibrantes, fundidas ou separadas; dinamismo improvisado, abrupto, inesperado; pasta grossa, martelada, áspera; técnica violenta: o pincel ou espátula vai e vem, fazendo e refazendo, empastando ou provocando explosões; preferência pelo patético, trágico e sombrio.

Tratava-se de uma reação à objetividade do impressionismo caracterizando-se pela reflexão individual e subjetiva. Os precursores desse movimento são: Vincent Van Gogh e Edvard Munch.

Van Gogh

As cores fortes e quase sempre puras, bem como as linhas desproporcionais e sem perspectiva refletem a realidade afetada pelo subjetivo, resultando em imagens distorcidas. São exemplos *A noite estrelada* (figura 1) e *O quarto de Van Gogh em Arles* (figura 2).

Esses quadros de Van Gogh assemelham-se com alguns trechos do filme de Robert Wiene, *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), que inaugurou o expressionismo no cinema. A cidade de Caligari lembra a cidade que Van Gogh pintou na base do quadro. Também as portas, paredes e janelas de *Caligari* remetem-se às linhas sem os princípios de proporção e perspectiva identificadas nas pinturas acima.

Edvard Munch

Com a utilização de cores fortes, a figura abaixo; cuja ilustração representa o quadro *O grito* (figura 3), de Edvard Munch; passa a impressão de desespero chamando a atenção para a pessoa que está gritando.

O quadro pretende expressar como uma súbita excitação transforma todas as nossas impressões sensoriais. Todas as linhas parecem conduzir a um outro foco da gravura – a cabeça que grita. É como se todo o cenário participasse da angústia e excitação desse grito. Alguma coisa muito terrível deve ter acontecido, e a gravura é tanto mais inquietante porque nunca saberemos o que significou esse grito. (GOMBRICH, 1981)

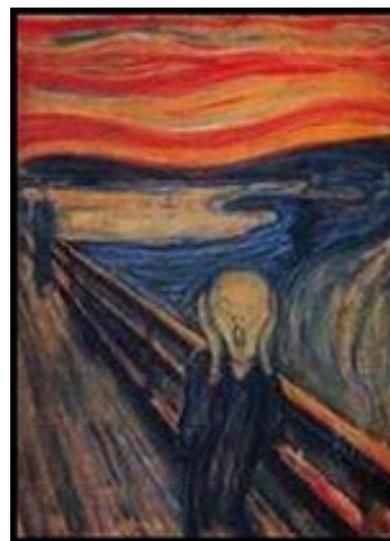


Figura 3: O grito

De acordo com Nazario, (1999, p. 203), “O caráter de representação pictórica era o aspecto mais original e contestado do filme expressionista(...)”. O cinema expressionista é mais expressivo por meio da maquiagem, música e iluminação. A estética cinematográfica expressionista utiliza recursos, tais como ângulos absurdos, perspectivas deformadas, pantominas exageradas, óperas e expressão subjetiva dos personagens.

O expressionismo na literatura

A escrita expressionista era o confronto subjetivo do artista com a realidade. As metáforas eram exageradas ou grotescas. Ressaltava-se o subconsciente dos personagens. Utilizava-se uma linguagem direta e frases curtas. “A defesa da espontaneidade absoluta encontrava dificuldades nas regras da expressão escrita”, afirma Cánepa¹.

Um dos mais importantes expressionistas foi Franz Werfel. Ele se expressava de forma espontânea: lembranças da infância, valores íntimos encontrados no cotidiano aparentemente insignificante.

O escritor tcheco, Franz Kafka, também se destaca na literatura expressionista. Em *A sentença* (1913), ele inicia o conto com um idílio e finaliza com uma sentença do pai condenando o filho à morte por afogamento.

O expressionismo no cinema

Até 1914, o cinema alemão enfrentou dificuldades para se estabelecer frente às produções de Hollywood. No entanto, com o início da Primeira Grande Guerra, essa situação mudou. Excluído do circuito de distribuição internacional, a Alemanha precisou suprir sozinha o mercado interno. Para aumentar o moral da população, produziam-se filmes de guerra.

O fim da guerra foi marcado pela derrota da Tríplice Aliança, da qual a Alemanha fazia parte, ao lado da Itália e Império Austro-Húngaro. As consequências para a Alemanha foram drásticas: pagamento dos prejuízos da guerra aos vencedores, indústria bélica controlada, exército reduzido e devolução da Alsácia-Lorena para a França.

Os anos que seguem a Primeira Guerra Mundial são uma época singular na Alemanha: o espírito germânico se recompõe com dificuldade do desmoronamento do sonho imperialista; os mais intransigentes tentam se recobrar com

um movimento de revolta, mas este é imediatamente sufocado. A atmosfera conturbada atinge o paroxismo com a inflação, que provoca a destruição de todos os valores; e a inquietação inata dos alemães adquire proporções gigantescas. (EISNER, 1985, p. 17)²

Após a guerra, o cinema e o teatro ganharam destaque nas manifestações expressionistas. As visões apocalípticas, abstratas e dramáticas tornaram-se populares, influenciando o surgimento do cinema expressionista, inaugurado com o clássico *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, em 1919. O filme evita o realismo com filmagens em estúdio, ressaltando a maquiagem carregada, curvas abruptas, cenários deformados e contrastes de luz e sombras. Trata-se de uma obra que traduz os conflitos emocionais visualmente.



Figura 4: Fotografia do filme *A noite do vampiro* (2006), aos 04'17"

A herança expressionista

O fim do expressionismo alemão ocorreu com o nazismo, que domina a Alemanha a partir de 1933. A produção de filmes restringe-se à propaganda política e entretenimento. Portanto, na Alemanha, depois do nazismo, não há cinema crítico. Nos anos 40, os novos expressionistas tentam mudar esse cenário e fazem um cinema anárquico, bem como retomam o cinema crítico. Até os anos 80, eles eram financiados por uma tevê de Munique, mas com a entrada de um político de direita, o financiamento acaba. Os cineastas, então, partem para outros países.

Entendendo o expressionismo alemão no cinema como um movimento artístico, carregado de ideologia indissociável da situação histórica e política da Alemanha nos anos 20, toda manifestação fora desse contexto local e temporal é descaracterizado como tal, podendo ser considerado um estilema, ou seja, não há a filosofia do expressionismo. Permanecem apenas alguns estilos, tais como as sombras, contrastes e deformações.

Analisa-se, em seguida, dois curta-metragens brasileiros, em animação, premiados no país, que homenageiam o expressionismo alemão por meio de estilemas.

A noite do vampiro² (2006)

Roteiro e Direção: Alê Camargo

O curta, de 6 minutos, animado em 3D (P&B), conta a história de um vampiro que tenta dormir em sua morada, enquanto um terrível predador se aproxima: um pernilongo! O vampiro assemelha-se a Nosferatu, de Murnau. O filme trata o horror de uma forma bem humorada.

Ao som de uma ópera, o filme inicia-se com a apresentação do local onde se passa a trama. Após cenas urbanas de contrastes de luz e sombras, o letreiro informa: “São Paulo, metrópole caótica e assustadora. Terra do medo e do desespero. Lar da pizza de brócolis com catupiry”.

A cena do interior da casa do vampiro remete às linhas sem perspectiva dos quadros de Van Gogh. Ao entrar em casa, o letreiro informa que “o Monstro entrega-se a sua rotina noturna de horrores”. Daí, ele põe os óculos e assiste à tevê, em cores. Faminto, o vampiro abre a geladeira e toma um “yakulten: lactobacilos mortos”. Sua sombra adquire vida ao tomar o “yakulten”. O tom jocoso do letreiro que se segue estabelece um contraponto com a figura assustadora do vampiro: “chega a hora de mimir.” O vampiro escova seus dentes diante do espelho, que somente reflete a imagem da escova em movimento. Ao deitar em seu caixão, o letreiro alerta para o perigo que o vampiro está correndo: “o predador aproxima-se sedento de sangue”. Em um quarto com paredes desproporcionais, a sombra gigante do predador aparece em uma faixa de luz. Trata-se de um pernilongo! Ele pousa sobre o nariz do vampiro e suga seu sangue. Ele volta e pousa sobre sua cabeça. A sombra do inseto ganha vida, sugando o sangue do vampiro. Enquanto busca outra forma de atacar, o “predador” voa na frente do quadro expressionista *O grito*, de Edvard Munch.

Começa a batalha: o vampiro se machuca e se deteriora ao tentar matar o pernilongo. No desespero, ele bate um martelo na própria cabeça e vira uma caveira ao jogar o “Inseticiden” no próprio rosto. O pernilongo passa por um vaso com ramos retorcidos, que se desfaz com a aplicação do inseticida.

Ao acionar o spray, o vampiro faz abrir um buraco na parede. Ao receber um jato do produto, o personagem do quadro *O grito* ganha movimento e grita desesperado, pulando da ponte. A casa fica toda enfumaçada e na hora em que o vampiro vai pegar o pernilongo com as mãos, o galo canta e o dia amanhece, ofuscando sua vista. Ainda assim, o vampiro não se entrega: “Mas nem doeue!”, informa o letreiro. O vampiro arde-se em chamas e desaparece. Enquanto isso, o pernilongo voa tranquilamente fazendo piruetas sobre o letreiro que indica o fim do filme.

El chateau⁴ (2002)

Direção: Victor Hugo Borges

Participação especial: Francisco Cuoco

El chateau é uma animação, com 5 minutos de duração, que conta a história de um rapaz apaixonado à espera de uma garota, em um fino restaurante. Trata-se de uma paródia às relações humanas, em que pessoas devoram umas as outras, literalmente!

Dois corvos na janela voam com a aproximação da sombra de uma pessoa ao som de seus passos. O apresentador de olhos com contornos acinzentados entra em cena e para entre dois quadros, pendurados na parede ao fundo, com características expressionistas e diz: “Boa noite, o episódio de hoje é sobre romance, desencontros e carne vermelha. E se passa em um restaurante chamado *El chateau*.”

Um rapaz, sentado à mesa de um restaurante, espera por sua amada, ao som de um violino, que emite notas musicais com ruídos. Ele e todos os clientes do restaurante têm olheiras e rostos deformados. O vermelho da taça de vinho destaca-se na fotografia em preto e branco. O pensamento na namorada é interrompido pelo garçom que cai com sua bandeja, espalhando tudo pelo chão. Todos os clientes riem, menos o protagonista. Uma mulher destaca-se por seu cabelo vermelho. O interior do restaurante é formado por paredes e portas em perspectivas desproporcionais. O rapaz permanece sentado, próximo a um quadro com natureza retorcida.

O gordo cozinheiro, com a cara deformada e avental com marcas de mãos, respira forte. Sua sombra ganha vida e dá um tapa na cara de alguém que está com ele na cozinha. Um ser pequeno, sem braços, ri. O cozinheiro aponta para a geladeira vazia, somente com caveiras e ossos humanos às moscas. Por meio de grunhidos e gestos, ele manda o ajudante sair em busca de carne para servir aos clientes. O rapaz, ainda sozinho no restaurante, olha no



Figura 5: Fotograma do filme *El chateau* (2002), aos 02'00"

relógio. O ajudante de cozinha vai à rua e aponta uma faca para uma mulher que caminhava em direção ao restaurante. Ela grita e sua boca tem o mesmo contorno do personagem de *O grito*, de Edvard Munch.

No restaurante, clientes sentados em cadeiras com encosto vermelho comem alimentos, também vermelhos. A mocinha chora, amarrada no canto da cozinha. Enquanto isso, o rapaz olha o cardápio e faz seu pedido. O cozinheiro levanta a faca em direção à moça e uma mancha vermelha escorre sobre o ambiente preto e branco. O rapaz olha satisfeito para o prato que serve olhos e cérebro. Na cozinha, o facão escorre sangue em meio às gargalhadas do cozinheiro e do ajudante. O rosto do rapaz deforma-se mais à medida que mastiga a comida. Na mesa ao lado, uma garota também espera por alguém. Eles se entreolham e saem juntos do restaurante. O cozinheiro nota

a geladeira vazia novamente e lança a faca na cabeça do ajudante. Ele acende o fogão com chamas em tons de azul, amarelo e vermelho muito claros, ao som de música de suspense e gargalhadas com eco.

Em sua sala de estar, em preto e branco, com janela, paredes e objetos de traços desproporcionais, enfeitada com quadros de figuras deformadas, mostrando a névoa na paisagem através da janela, o apresentador encerra: "Como diz Guimarães Rosa: 'é preciso sofrer depois de ter sofrido e amar, e mais amar, depois de ter amado.' Sentado em uma cadeira com um encosto vermelho, ele suspira e continua: "O filme que nós assistimos fala ao coração porque o amor..... ah, o amor....." Sua fala é interrompida por uma faca atirada em seu pescoço. Ele cai, colorindo o chão de vermelho com seu sangue. Um corvo volta para a janela.

Conclusão

Da Revolução Alemã de 1918-1919, que marcou o fim da Primeira Guerra Mundial, à ascensão de Hitler ao poder, em Janeiro de 1933, foram 15 anos de história conhecida como a época da Cultura de Weimar. Na Alemanha, o clima era de depressão e angústia. Paradoxalmente, essa atmosfera de derrota coexistiu com a criatividade intelectual e artística, tornando Berlim a capital das vanguardas nos anos 20.

Desde a pintura, o expressionismo enfatizou a emoção do artista, em oposição à tradição de que ele deveria reproduzir fielmente a aparência natural do objeto de trabalho.

No cinema, a morbidez, o horror e o crime tornaram-se temática dominante. Seus expoentes são: *Nosferatu, O Vampiro* (1922), de Murnau, e *Dr. Mabuse, O Jogador* (1922) e *Metrópolis* (1926), ambos de Fritz Lang.

Durante 15 anos, os filmes expressionistas refletiram esse clima melancólico por meio do exagero de interpretações; contraste de luz; sombras com vida própria; natureza e rostos deformados; maquiagem carregada; confusão entre o real e subjetivo; filmagens em estúdio; indefinição dos tempos presente/passado/futuro; personagens alucinados, nojentos e feios; ângulos absurdos; janelas, portas e paredes sem os princípios da perspectiva; recusa do realismo e relação de ódio entre pai e filho.

No entanto, a presença desses elementos não basta para categorizar uma obra como expressionista. Para se analisar um filme deve-se perceber o texto e o contexto. Por meio dessa observação cuidadosa, é possível diferenciar um estilo de um estilema. Afinal, o expressionismo alemão surgiu dentro de um contexto histórico que se perdeu. A forma pode até ser imitada, mas o conteúdo se perde. Nem o neoexpressionismo tem contato ideológico e filosófico com o expressionismo alemão.

Portanto, a preservação do estilo das sombras e contrastes, em detrimento da filosofia basta para descaracterizar uma obra como expressionista. Nesse caso, trata-se de um estilema e não de um estilo. Esse último é mais complexo, carregado de uma psicologia mais profunda.

De todas as estéticas, o expressionismo alemão foi a que mais influenciou os filmes de terror. Seu legado fica, sua estética pode ser copiada, mas seu contexto histórico é único.

NOTAS

¹ CÁNEPA, Fernando Mascarello (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas,SP: Papyrus, 2008, p. 60.

² EISNER, Lotte. *A tela demoníaca: as influências de Max Reinhardt e do Expressionismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 17

³ Prêmios: Anima Mundi 2007 - Melhor Animação Brasileira - Segundo Lugar; Festival Guarnicê 2007 - Melhor Vídeo Nacional; Festival de Animação de Gramado/2007 - Menção Honrosa; 14o Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá, Prêmio Especial do Júri; Animaserra - Festival de Animação 2007 - Animação 3d - Primeiro Lugar; KAFI - Kalamazoo Animation Festival International - 3rd Place (independent works); Curta Vídeo Votorantim - Segundo Lugar; Mostra Londrina - Melhor Fotografia.

⁴ Prêmios: Melhor Filme no Curta Santos; Melhor animação de 2002 pela Academia Brasileira de Cinema

REFERÊNCIAS

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. *História da Arte*. São Paulo: Ética, 2000

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

EISNER, Lotte. *A tela demoníaca: as influências de Max Reinhardt e do Expressionismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 17

MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas,SP: Papyrus, 2008

NAZARIO, Luiz. *As sombras móveis: atualidade do cinema mudo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004